

A dançarina de Izu (*Trechos*)

Kawabata Yasunari

Tradução: Gizelda Ribeiro da Silva¹

Revisão: Meiko Shimon

CAPÍTULO I

O caminho tornara-se sinuoso e eu me aproximava mais e mais do topo da estrada que subia a Serra do Amagui, quando um temporal que vinha do sopé da montanha, tingindo de branco a mata de cedros, alcançou-me com uma velocidade espantosa.

Tinha dezenove anos então. Portava o boné do uniforme colegial² e vestia um *hakama* e um quimono azul-índigo salpicado de branco, trazendo a bolsa de estudante a tiracolo. Este era o quarto dia desde que partira sozinho para a Península de Izu. Passara uma noite nas termas de Shuzenji e duas noites na de Yugashima. Estava agora subindo a encosta do Amagui com tamancos de madeira de dentes grossos. Enquanto saboreava, encantado, os ares outonais que se vislumbrava nas camadas de montanhas sobrepostas na floresta nativa e no vale profundo, apertava o passo motivado por uma expectativa que fazia meu coração palpitar. Sem demora, começou a fustigar-me uma chuva de pingos cortantes. Então, galguei correndo a ladeira abrupta e sinuosa. Dei, por fim, à casa de chá do lado norte da passagem de Amagui, sentindo-me aliviado, mas parei imóvel à porta de entrada. Muito além do que podia esperar, acertara em cheio. Aí, um grupo de artistas ambulantes descansava.

Ao ver-me em pé, a dançarina prontamente levantou-se de seu coxim, virando-o às avessas, oferecendo-me o lugar.

— Sim..., falei, sentando-me no coxim. Sem fôlego, por ter galgado a ladeira correndo e, sobretudo, pela surpresa do encontro, a palavra "obrigado" ficou presa na garganta.

Por estar sentado bem próximo e frente à frente com a dançarina, atralhei-me ao tirar às pressas os cigarros guardados na manga do

¹ Bacharel e Japonês-Português e Espanhol-Português pela UFRGS. Professora de Japonês do Curso de Extensão – UFRGS.

² Curso colegial: Trata-se do curso intermediário entre o nível médio e universitário que havia no antigo sistema educacional japonês.

quimono. Outra vez, a dançarina gentilmente apanhou o cinzeiro que se achava diante de uma de suas companheiras e colocou-o perto de mim. Como antes, permaneci calado.

A dançarina aparentava ter cerca de dezesseis anos. Tinha os longos cabelos penteados à moda antiga, num estilo singular que eu desconhecía. Porém, o penteado harmonizava-se lindamente com seu rosto oval e sério, mesmo sendo encantadoramente pequeno. Parecia-me a gravura de uma mocinha dos romances populares cujos cabelos foram desenhados de forma abundante e exagerada. Na companhia da dançarina estavam uma mulher quarentona, duas jovens e um homem de cerca de vinte e cinco anos que vestia um *hanten*³, com a marca do hotel das termas de Nagaoka.

Já tinha visto as dançarinas duas vezes. A primeira, foi próxima à ponte do rio Yugawa, quando estava vindo para Yugashima e encontrei-as a caminho, indo para Shuzenji. Nessa ocasião, havia três mulheres jovens, e a dançarina carregava um tambor. Enquanto andava, eu olhava para trás várias vezes para vê-las, sentindo-me possuído por um sentimento poético de viajante. Depois disso, na segunda noite em que passei em Yugashima, elas vieram se apresentar no hotel onde me hospedara. Sentado no degrau da escada, eu olhava encantado a garota dançando sobre o assoalho do vestíbulo.

— Se anteontem estavam em Shuzenji e esta noite em Yugashima, amanhã, provavelmente, irão para o sul em direção às termas de Yugano, atravessando o cume da serra do Amagui. Sem dúvida, poderei alcançá-las numa caminhada de sete *ris*⁴ até o alto da estrada montanhosa. Assim imaginando, apressava o passo, no entanto, o fato de encontrá-las justamente ali na casa de chá, aonde viera abrigar-me da chuva, deixara-me completamente embaraçado.

Pouco depois, a velhinha da casa de chá conduziu-me para um outro aposento. Tinha a aparência de ser pouco usado, nem havia a janela corrediça de *shoji*. Abaixo, descortinava-se um vale belíssimo e tão profundo que a vista não alcançava. Eu tiritava e batia os dentes de frio e tinha a pele arrepiada, feito pele de galinha. A velhinha trouxe-me chá, e falei-lhe que estava com frio.

— Nossa, como o senhor está molhado! Por favor, venha por aqui se aquecer um pouco e secar as suas roupas, disse-me a velha, e quase pegando a minha mão, conduziu-me para uma salinha particular da casa.

³ Hanten: quimono curto de trabalhador.

⁴ 1 ri: cerca de 4 km.

Nesta sala havia uma lareira cavada no soalho e, ao abrir o *shoji*, senti o impacto do calor intenso. Parei, indeciso, na soleira da porta. Junto ao fogo, sentado no chão de pernas cruzadas, estava um velho todo inchado e esverdeado qual cadáver de afogado. Virou languidamente em minha direção os olhos completamente amarelos que pareciam estar podres. Estava rodeado por uma montanha de sacos de papel e de cartas velhas, — a bem dizer, estava enterrado dentro daquele monte de papel velho. Vendo aquele assombro montanhoso, que dificilmente poderia se supor fosse um ser vivo, parei, imobilizado.

— Perdoa-me, senhor, por mostrar-lhe uma pessoa nesse estado tão deplorável. É o meu velho. Não se preocupe com ele. Embora desagradável para quem vê, ele não consegue se mover. Peço ao senhor permissão para deixá-lo assim como está, e desculpe-nos mais uma vez.

Pelo que a velha me contou, depois de ter assim se desculpado, o velho começou a sofrer de paralisia causada pelo derrame há vários anos, o que acabou atingindo o corpo todo. A montanha de papel era formada pelas cartas que recebera de todos os cantos do país com ensinamentos sobre o tratamento da paralisia e, também, as embalagens vazias dos remédios encomendados de diversas localidades. O velho ora interrogava os viajantes que atravessavam o passo sobre o tratamento da paralisia, ora lia os anúncios de jornais onde aparecesse algum método terapêutico, não deixava escapar nenhum e acabava encomendando medicamentos de várias regiões. Passava os dias contemplando aquelas cartas e sacos de papéis que tinha juntado em torno de si. Com o decorrer dos anos, aquilo havia se transformado em uma montanha de papel velho.

Sem saber o que responder à velha, baixei a cabeça em direção ao fogo. Um carro que transpunha a montanha fez estremecer a casa. Fiquei pensando na razão que levava o velho a permanecer naquele lugar no qual, mesmo ainda sendo outono, já era tão frio e não iria demorar muito para o cume ficar coberto de neve. Do meu quimono desprendia-se vapor d'água, e o fogo de tão intenso causava-me dor de cabeça. A velha retornara à loja e falava com uma das mulheres do grupo de artistas ambulantes.

— Puxa, essa é a mesma menina que esteve aqui com você da última vez? Você deve estar feliz por ela ter ficado uma boa mocinha da Ilha. Que bela moça ficou! Como as meninas crescem depressa, não é mesmo?

Ao cabo de uma hora, pude ouvir ruídos que indicavam que o grupo estava pronto para partir. Não era hora para ficar calmo, mas apesar de estar ansioso faltou-me coragem para levantar. Impaciente, nervoso,

sentado perto do fogo, raciocinei que mesmo que elas se afastassem dez ou vinte *chôs*⁵, poderia alcançá-las num pulo, pois, mesmo estando habituadas a viajar a pé, eram mulheres. No entanto, quando as dançarinas se foram minha imaginação ganhou asas e começou a dançar alegremente. Perguntei à velha, que fora se despedir do grupo:

— Onde a senhora acha que elas irão passar esta noite?

— Como poderia eu saber onde esse tipo de gente vai passar a noite, meu senhor? Se houver fregueses e dependendo das circunstâncias, dormem em qualquer lugar. Não devem estar preocupadas onde será o pouso desta noite.

As palavras da velha, ditas com tão profundo desprezo, deixaram-me excitado: se é assim, pensei, então, poderia pedir à dançarina para passar esta noite comigo.

A chuva amainara, e o cume da serra clareava. Apesar de a velha pedir com insistência que eu ficasse, pois, se esperasse mais uns dez minutos o tempo ficaria limpo e claro, não consegui mais permanecer ali pacientemente sentado.

Levantando, disse afetuosamente ao velho:

— Cuide-se, vovô. Porque vai fazer frio. Com dificuldade, ele moveu os olhos amarelados e concordou, balançando debilmente a cabeça.

— Meu senhor, meu senhor! Ouvi os gritos da velhinha que corria atrás de mim.

— Não sei como lhe agradecer. Não merecia tanto.

E fazendo questão de carregar a minha bolsa, insistiu em acompanhar-me, não aceitando recusas. Seguiu-me por mais de um *chôs* com seus passinhos curtos, repetindo sempre a mesma coisa:

— Não merecia tanto! Perdoa-me se cometi alguma falta. Lembrar-me-ei sempre do seu rosto. Da próxima vez que o senhor passar por aqui, procurarei retribuir a sua generosidade. Por favor, não deixe de vir. Eu nunca me esquecerei do senhor.

Havia lhe dado tão somente uma moeda de prata de cinquenta sens, por isso me senti comovido a ponto de querer chorar, porém querendo alcançar de uma vez a dançarina era-me um transtorno o andar trôpego da velha. Finalmente, acabamos por chegar ao túnel da passagem do Amagui.

— Muito obrigado. É melhor que a senhora volte daqui, pois o vovô está sozinho, disse-lhe. Ela, muito relutante, soltou a bolsa.

⁵ 1 *chô*: cerca de 110 m.

Gotas d'água geladas pingavam do túnel escuro onde acabara de entrar. À frente, uma pequena claridade indicava a saída para o lado sul da Península de Izu.

CAPITULO II

Da saída do túnel, o caminho da passagem ziguezagueava feito relâmpago e estava, por um dos lados, costurado por uma cerca pintada de branco. Como se fossem pequenas peças de uma maquete, pude avistar ao longe as figuras das dançarinas indo em direção às faldas da montanha. Não tinham andado mais de seis *chôs* e, logo, eu as alcancei. No entanto, não poderia diminuir de repente o ritmo dos passos e passei pelas mulheres, simulando indiferença. O homem que caminhava sozinho à frente, a uns dez *kens*, quando me viu deteve-se e falou:

— Como o senhor anda depressa! — Felizmente o tempo melhorou.

Respirei aliviado e comecei a andar ao lado do homem. O homem, sem parar, perguntava-me sobre diversas coisas. Ao nos ver conversando, as mulheres que seguiam atrás vieram correndo ao nosso encontro.

O homem carregava nas costas um enorme baú de vime. A mulher quarentona segurava no colo um cachorrinho. Cada uma das moças trazia uma bagagem grande; a moça mais velha, um grande volume de *furoshiki*, e a moça do meio, um baú de vime. A dançarina trazia às costas um tambor de banqueta. A mulher quarentona também se pôs a conversar comigo.

— Ele é estudante do colegial. Segredou a moça mais velha à dançarina. Virei para trás, e ela, sorrindo, disse:

— Pois é, sei que o senhor é estudante. Eu os vejo sempre quando vão lá para a ilha.

Contaram-me que o grupo todo era proveniente do porto de Habu, da Ilha de Ooshima. Deixaram a ilha na primavera e seguiram viajando, mas com o frio chegando e já que não estavam preparados para o inverno, depois das termas de Itô, passariam uns dez dias em Shimoda e de lá voltariam para casa. Quando ouvi "Ooshima" senti poesia e, novamente, contemplei os lindos cabelos da dançarina. Fiz várias perguntas a respeito da Ilha de Ooshima.

— Muitos estudantes vão lá para nadar, não é? Falou a dançarina para a companheira.

— Mas acho que só no verão, disse, virando-me para trás, deixando a dançarina encabulada.

— No inverno, também. Pareceu-me que ela respondera baixinho.

— No inverno, também?

A dançarina outra vez olhou para a companheira, rindo-se.

— Conseguem nadar no inverno também? Perguntei outra vez. A dançarina ruborizou-se e bem séria respondeu que sim com a cabeça.

— Que menina boba! Falou, rindo-se a mulher quarentona.

O caminho até Yugano era um declive de cerca de três *ris*, ao longo do vale do Rio Kawazu. Transposta a passagem do Amagui, parecia que até a cor das montanhas e do céu eram de uma tonalidade da região sulina. O homem e eu seguimos conversando sem parar e nos tornamos bons amigos. Foi quando já tínhamos atravessado os pequenos povoados, como os de Oguinori e Nashimoto, e podia-se avistar ao sopé da montanha os telhados de palha de Yugano, que criei coragem para lhe falar de minha decisão de seguir viagem com o grupo até Shimoda. Ele ficou muito feliz.

Em frente à pensão barata de Yugano, quando a mulher quarentona fez menção de despedir-se de mim, ele interveio:

— Este senhor expressou o desejo de viajar em nossa companhia.

— Pois é, assim é. Na viagem, se quer companheiros, na vida, compaixão. Se companhia como a nossa não lhe aborrece, servirá de passatempo. Bem, por favor, suba e tenha uma boa noite, respondeu a mulher sem embaraço.

As moças fitaram-me todas de uma vez só, mas fingindo indiferença e, em silêncio, continuaram me olhando, um tanto envergonhadas.

Subimos juntos para o andar superior da pensão e desfizemos as bagagens. Tanto o *fussuma*⁶ quanto o tatame estavam velhos e sujos. Do andar de baixo, a dançarina trouxe-me o chá. Quando se sentou diante de mim, suas faces tornaram-se rúbeas e, devido ao tremor de suas mãos, a xícara quase ia escorregando do pires. Ela, para evitar a queda, descansou-o sobre o tatame, mas, mesmo assim, acabou derramando o chá. Fiquei boquiaberto com o seu acanhamento excessivo.

— Mas que nojo! Esta menina já está botando reparo nos homens. Ai, ai, ai! — ao mesmo tempo em que falava, a mulher quarentona, bastante contrariada e com a testa enrugada, jogou-lhe uma toalha. A dançarina apanhou-a e muito desajeitada começou a enxugar o tatame.

⁶ Fussuma: portas de correr forradas de papel resistente que servem para separar os aposentos.

Com estas palavras inesperadas, subitamente, caí em mim. Com um estalo foram destruídas as fantasias que criei, instigado pela velha da passagem.

Momentos depois, repentinamente, a mulher quarentona falou, examinando-me demoradamente:

— Como é bonito esse tecido do seu quimono!

— Este padrão de tecido tem a estampa igual ao de Tamiji, não é mesmo? ... É sim. A estampa não é igual?

Disse-me, depois de perguntar com bastante insistência e várias vezes a mulher do lado.

— Deixei, lá na minha terra, um filho no colégio. Lembrei-me dele agora. Ele tinha um quimono com o mesmo desenho do seu. Hoje em dia, já não se consegue um tecido assim porque na verdade é muito caro.

— Em que escola está estudando?

— Está no quinto ano do primário.

— Ah, é mesmo... no quinto ano do primário?

— Sim, na escola de Kôfu. Embora estivéssemos vivendo a muito tempo na Ilha de Ooshima, somos de Kôfu, na antiga Província de Kai.

Depois de descansar por cerca de uma hora, o homem conduziu-me para outra hospedaria nas termas. Até então, acreditava que passaria a noite nessa pensão barata, junto com os artistas ambulantes. Saindo da estrada principal, descemos por uma vereda de pedregulhos e por uma escada de pedra por cerca de um *chô* e depois atravessamos a ponte que ficava ao lado das termas públicas localizadas à beira do riacho. Diante da ponte ficava o jardim da hospedaria das termas.

Estava imerso em uma das banheiras internas da hospedaria quando o homem apareceu para se banhar também. Contou-me que tinha vinte e três anos e revelou-me que sua esposa perdera dois filhos, um por aborto e o outro por ter nascido prematuro, não resistiu. Como vestia um *hanten* com a marca das termas de Nagaoka, julguei que fosse de lá. Tentei imaginar, também, já que tanto a sua fisionomia quanto o seu modo de falar eram condizentes com os de uma pessoa estudada, se seria por capricho ou por estar enamorado de uma das moças dançarinas a razão pela qual estaria viajando com o grupo, ajudando a carregar as bagagens.

Saindo do banho, almocei em seguida. Não eram ainda três horas da tarde, e eu saíra de Yugashima às oito horas da manhã.

No jardim, o homem que regressava ao ver-me cumprimentou.

— Compre caquis com isto, por favor. Desculpe o jeito, pois estou aqui em cima. Disse, jogando-lhe algumas moedas embrulhadas num

papel. O homem declinou e continuou o seu caminho, ao ver o pacotinho de moedas caído no chão do jardim, voltou e o apanhou.

— Não deve fazer isso, disse, jogando-o de volta. O pacotinho de moedas caiu em cima do telhado de palha. Atirei-o outra vez ao homem, que desta vez o pegou, indo embora.

Ao entardecer, começou a chover torrencialmente. O contorno das montanhas tingido de branco tornou-se indistinto, e o riacho da frente num átimo turvou-se amarelento, crescendo ruidosamente. Imaginando que a chuva iria impedir a apresentação das dançarinas e porque não conseguia ficar ali pacientemente sentado, fui tomar banho duas ou três vezes. O quarto tinha pouca luz. No corte quadrado feito no *fussuma*, que separava o quarto vizinho do meu, havia um dintel que pendia a lâmpada da qual provinha a iluminação para ambos.

Em meio ao barulho intenso da chuva, podia-se ouvir um tamborilar que nascia debilmente da batida distante de um tambor. Abri o *amado*⁷ como se quisesse rasgá-lo e debrucei-me para fora. O som do tambor parecia que vinha se aproximando. A chuva e o vento batiam-me na cabeça. Fechei os olhos, e com os ouvidos atentos, tentava descobrir o caminho percorrido pelo som do tambor que chegava até ali. Em seguida, podia se ouvir o som de um *shamisen*. Podia-se ouvir um grito agudo de mulher. Ouviam-se alegres risadas. Compreendi, então, que as dançarinas foram chamadas pelo restaurante que ficava defronte à pensão barata para animar o banquete. Podia-se discernir as vozes de duas ou três mulheres e as de três ou quatro homens. Pensando que ao terminar a festa no restaurante, talvez elas viessem a se apresentar na minha hospedaria fiquei esperando. No entanto, parecia que o excesso de alegria se transformava com o passar do tempo em algazarra. A voz estridente de uma mulher, de quando em quando, como se fosse um relâmpago, cortava afiada a noite escura. Com os nervos à flor da pele, permaneci, sentado, com o *amado* aberto, sem me mexer, por um tempo interminável. Cada vez que ouvia a batida do tambor, meu coração se aquietava.

— Ah! A dançarina ainda está sentada à mesa do banquete. Sentada, tocando o seu tambor.

Quando o tambor parava, sentia-me desesperado. Acabei por imergir-me na profundidade do barulho da chuva.

Sem demora, seguia-se, por algum tempo, um arrastar confuso de pés, como se todos estivessem brincando de pega-pega, ou estivessem

⁷ Amado: portas de madeira que ocupam toda extensão da varanda. Elas são fechadas só à noite, ficando durante o dia armazenadas num compartimento próprio.

dançando. Então, de repente, um silêncio total. Meus olhos chispavam. Desejava enxergar na escuridão a razão daquele silêncio repentino. Angustiava-me, imaginando que a noite da dançarina poderia estar sendo maculada.

Fechei o amado e deitei-me no leito, sentindo o peito sufocado. Fui tomar banho novamente. Dando tapões violentos, misturava a água quente. A chuva cessou, e a lua despontou no céu. A noite outonal lavada pela chuva estava límpida e iluminada. Pensei que mesmo que saísse descalço, esgueirando-me da sala de banho, nada poderia fazer. Passava das duas horas da manhã.

(Izu no odoriko: 1926)